

***Vtrum priscis Romanis Latina lingua*, de Poggio Bracciolini:
comentário, tradução e notas**

Fábio Frohwein de Salles Moniz¹

Resumo: Neste artigo, apresentamos nossa proposta de tradução da epístola *Vtrum priscis Romanis Latina lingua omnibus communis fuerit, an alia quaedam doctorum virorum, alia plebis et vulgi, tertiae convivalis historiae disceptatio* (Se a língua latina era comum a todos os priscos romanos, ou se havia uma de homens instruídos, outra da plebe e do povo: discussão de uma terceira história convival), de Poggio Bracciolini. Considera-se essa obra o último testemunho escrito de um participante direto da *questione della lingua*, ocorrida na antecâmara papal em 1435 acerca do verdadeiro idioma que teria sido falado pelos antigos romanos cotidianamente. Além da tradução, tecemos algumas considerações iniciais acerca do contexto, conteúdo e terminologia da obra em tela, apoiando-nos, sobretudo, em Tavoni (1984), Mazzoco (1993), Celenza (2009), entre outros autores. Nosso objetivo principal com este artigo é proporcionar ao leitor o acesso a um dos mais importantes textos do *quattrocento* italiano acerca não apenas da *Latinitas* e do *usus antiquorum*, bem como das principais ideias gramaticais que circulavam naquele momento.

Palavras-chave: *Questione della lingua*; Poggio Bracciolini; *Vtrum priscis Romanis Latina lingua*.

***Vtrum priscis Romanis Latina lingua*, by Poggio Bracciolini: commentary,
translation, and notes**

Abstract: In this article, we present our proposed translation of the epistle *Vtrum priscis Romanis Latina lingua omnibus communis fuerit, an alia quaedam doctorum virorum, alia plebis et vulgi, tertiae convivalis historiae disceptatio* (Whether the Latin language was common to all ancient Romans, or whether there was one for learned men, another for the plebeians and the common people: discussion of a third convivial history), by Poggio Bracciolini. This work is considered the last written testimony of a direct participant in the *questione della lingua*, which took place in the papal antechamber in 1435 regarding the true language spoken daily by the ancient Romans. In addition to the translation, we offer some initial considerations on the context, content, and terminology of the work in question, relying primarily on Tavoni (1984), Mazzocco (1993), Celenza (2009), among other authors. Our main

¹ Doutor em Literatura Brasileira e em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Língua e Literatura Latinas do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFRJ. Docente permanente e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ. Coordenador do programa de extensão ALAcer: Ações com Livros em Acervos. Vice-coordenador do projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas, realizado em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional. Coeditor da revista Calíope: Presença Clássica. Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5407699604613903). Vice-líder do grupo de pesquisa Crítica Textual da Fundação Biblioteca Nacional (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6555194010132305). Bolsista do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP-FBN) em 2020-2021 com a pesquisa “O Glossário do Silêncio: palavras, expressões, versos e poemas expurgados na coleção Ad usum Delphini”. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2364-0011>. E-mail: fabiofrohwein@letras.ufrj.br.

objective with this article is to provide readers with access to one of the most important texts of the Italian *Quattrocento*, not only concerning *Latinitas* and *usus antiquorum*, but also the main grammatical ideas circulating at the time.

Keywords: *Questione della lingua*; Poggio Bracciolini; *Vtrum priscis Romanis Latina lingua*.

1 Introdução²

Em linhas gerais, *Vtrum priscis Romanis Latina lingua omnibus communis fuerit, an alia quaedam doctorum virorum, alia plebis et vulgi, tertiae convivalis historiae disceptatio*³ (Se a língua latina era comum a todos os priscos romanos, ou se havia uma de homens instruídos, outra da plebe e do povo: discussão de uma terceira história convival), de Poggio Bracciolini (1380 – 1459),⁴ trata do uso do latim na Roma antiga e responde à epístola de Leonardo Bruni (1370 – 1444) intitulada *An vulgus et literati eodem modo per Terentii Tulliique tempora Romae locuti sint* (Teriam falado do mesmo modo em Roma o povo e os letrados ao longo das épocas de Terêncio e de Túlio?).⁵ Ambas as obras inserem-se no contexto de um debate conhecido como *questione della lingua*, ocorrido entre os humanistas do *Quattrocento* italiano que tinham por objetivo responder essencialmente o seguinte questionamento: Qual teria sido a língua que de fato os romanos falavam cotidianamente?

Segundo Fulvio Delle Donne (Blondus, 2008), embora essa discussão andasse em voga havia algum tempo, a epístola de Flavio Biondo (1388 – 1463) intitulada *De verbis Romanae locutionis* (Sobre as palavras da fala romana)⁶ é o primeiro testemunho escrito da *questione*. Por meio dessa obra, tomamos conhecimento de que o tema, alvo de uma contenda entre Biondo e Bruni, a que se juntaram Antonio Loschi (1365 – 1441), Cencio Rustici (1390 – 1445), Andrea Fiocchi (1400 – 1452) e Poggio Bracciolini, durante uma conversa na antecâmara do papa

² O fio condutor destas considerações baseia-se em Tavoni, 1984, p. 105-116; Mazzoco, 1993, p. 58-65 e Celenza, 2009, p. 201-245, com algumas contribuições nossas.

³ Doravante, esta obra será referida apenas por *VPRLL*, e todas as citações de Poggio Bracciolini aqui estão sempre relacionadas a ela.

⁴ Gian Francesco Poggio Bracciolini (1380 – 1459), um dos humanistas mais atuantes no *Quattrocento* italiano; nomeado chanceler de Florença em 1453 e historiador oficial da cidade. Para referências bibliográficas fundamentais ao estudo da vida e da obra de Bracciolini, cf. Kallendorf, 2017.

⁵ Doravante, esta obra será referida apenas por *An vulgus*, e todas as citações de Leonardo Bruni aqui estão sempre relacionadas a ela. Para uma leitura em português da referida obra e informações introdutórias, cf. Moniz, 2024.

⁶ Doravante, esta obra será referida apenas por *De verbis*, e todas as citações de Flavio Biondo aqui estão sempre relacionadas a ela. Para uma leitura em português da referida obra e informações introdutórias, cf. Biondo, 2024.

Eugênio IV, dividiu-os em dois grupos. Bruni, com apoio de Loschi e Rustici, argumentava que os oradores pronunciavam suas orações num vernáculo antigo e depois as reescreviam em latim. A certo ponto do debate, Bruni retirou-se do grupo, tendo sido chamado pelo papa, mas a discussão seguiu. Datada de 1o. de abril de 1435, *De verbis* teve por resposta *An vulgus*, redigida no mesmo ano. Em resumo, Bruni questiona a possibilidade de o povo ter falado ou compreendido o latim culto sem educação formal, uma vez que havia diferenças entre a língua culta e a popular em termos de gramática e uso, que conferiam complexidade ao latim culto. O humanista refuta a ideia de que o povo pudesse falar e entender o latim culto dos letrados, utilizando exemplos verbais para ilustrar a complexidade gramatical. Finaliza, mantendo sua crença em que havia de fato linguagens distintas para o povo e para os letrados na Roma antiga.

Embora *De verbis* e *An vulgus* retomem uma discussão que envolveu seis pessoas, chegaram-nos os testemunhos de apenas três delas, isto é, as já mencionadas obras e *VPRL*, cujo manuscrito data de 1450, quinze anos após o início do debate epistolar entre Biondo e Bruni, que inclusive já falecera havia seis anos. Em *VPRL*, Poggio Bracciolini, em resposta a *An vulgus*, defende que o latim era amplamente falado na Roma antiga, discute sua origem, afirmando que o idioma se desenvolveu entre os povos latinos do Lácio e era compartilhado por todo o povo romano. Para o humanista, se houvesse outra língua, esta teria um nome próprio, mas o latim sempre foi reconhecido como o único idioma dos latinos. Além disso, argumenta que a língua era aprendida naturalmente desde a infância, rejeitando a ideia de um idioma distinto para a plebe. Refuta ainda os argumentos de Leonardo Bruni, que comparava o conhecimento do latim entre os romanos ao entendimento popular das missas cristãs, alegando que a língua latina era aprendida pelo uso cotidiano, enquanto os textos religiosos dependiam de explicação. O autor de *VPRL* também rebate a ideia de que apenas os letrados falavam latim nos tribunais e no Senado.

Mirko Tavoni (1984) sublinha que *VPRL* consiste no terceiro e último testemunho da *questione* escrito por um participante direto e representa, se comparado à epístola de Guarino Veronese, a refutação mais contundente da teoria de Leonardo Bruni, amparada em farta fundamentação teórica. Além disso, Tavoni vê em *VPRL* um importante registro da contenda, o qual, antes de mais nada, ajuda a esclarecer alguns equívocos transmitidos acerca das ideias brunianas: 1) *An vulgus* não reflete uma mudança de posicionamento de Bruni posterior à

discussão ocorrida na antecâmara papal, mas sim sua posição original, provavelmente deturpada em *De verbis*; 2) tanto Biondo quanto Bracciolini interpretaram equivocadamente o pensamento de Bruni, equiparando *litterata lingua* com *Latina lingua*, *litterati viri* com *docti viri*, e *sermo vulgaris* com o vernáculo italiano moderno, este último equívoco cometido exclusivamente pelo autor de *De verbis*, como pontua o estudioso italiano.

Angelo Mazzoco (1993), por seu turno, destaca a inovação de Poggio Bracciolini ao usar os vernáculos contemporâneos como evidência do monolinguismo na Roma antiga. Embora seguisse a abordagem de outros humanistas, como Biondo e Guarino, Bracciolini amplia sua análise incluindo o romeno, além do italiano e do espanhol. Ao demonstrar que esses idiomas mantinham elementos do latim clássico, reforça a ideia de que a língua latina era a única comum no mundo romano, mas que estava sujeita a constantes transformações, o que, como observa Christopher Celenza (2009), aponta uma mudança de paradigma, ao sugerir que mesmo um idioma que se pensava artificial refletia mudanças históricas naturais. Dessa forma, Bracciolini opõe-se veementemente à visão de Bruni acerca do latim enquanto língua artificial, argumentando que o idioma dos antigos romanos não era adquirido por meio do ensino formal, mas absorvido naturalmente, como os italianos contemporâneos adquiriam sua língua materna. Para isso, o autor de *VPRL* recorre a Quintiliano, que recomendava que amas de leite falassem corretamente para influenciar as crianças, o que faria sentido apenas se o latim fosse aprendido na convivência social e não exclusivamente na escola.

Apesar de defender a unidade linguística romana, Bracciolini reconhece variações na fala, valendo-se de Quintiliano para afirmar que todos falavam latim, mas com diferentes níveis de correção gramatical, semelhante à distinção entre falantes cultos e populares nos vernáculos modernos. O humanista resolve a aparente contradição entre a necessidade de ensino formal do latim e sua condição de língua materna ao argumentar que o ensino servia para purificar a língua de influências estrangeiras, não para transmiti-la do zero. Dessa forma, a principal contribuição de *VPRL*, para Mazzoco, é a defesa do monolinguismo na Roma antiga e a refutação da ideia de bilinguismo proposta por Bruni. Bracciolini sustenta que o latim era a única língua do povo romano, como comprova a forte influência da língua latina nos vernáculos modernos, evidência incontestável de sua disseminação universal.

No entanto, Mazzoco aponta uma falha na argumentação de Bracciolini: sua

interpretação equivocada de Quintiliano. O humanista distorce a *Institutio oratoria* I, VI, 27, tratando a diferença entre linguagem culta e popular como um contraste entre falantes eruditos e não eruditos, quando, na verdade, Quintiliano destacava o uso linguístico aceito pelos estudiosos. Essa leitura incorreta decorre da influência de Cícero, que defendia a pureza do latim contra a corrupção causada pelo contato com falantes não nativos. Assim, Bracciolini confunde *latine loqui* com *grammatice loqui*, levando a uma das falhas mais marcantes de sua argumentação. Apesar dessa limitação, *VPRL* teve grande impacto no debate humanista sobre a língua latina. A defesa do latim como língua viva e naturalmente adquirida consolidou sua influência, mesmo que sua leitura de Quintiliano tenha sido contestada por Lorenzo Valla.

2 Nossa proposta de tradução e notas⁷

SE A LÍNGUA LATINA ERA COMUM A TODOS OS PRISCOS ROMANOS, OU SE HAVIA UMA DE HOMENS INSTRUÍDOS, OUTRA DA PLEBE E DO POVO: DISCUSSÃO DE UMA TERCEIRA HISTÓRIA CONVIVIAL.⁸

01 Então, Benedetto,⁹ que também acrescentara ao conhecimento das leis os estudos de humanidade, disse: “Mantenhamo-nos sentados ainda, peço-vos. Pois é que perguntarei a ti, Carlo,¹⁰ o que há muito tempo desejo saber e que não é alheio a vosso conhecimento.

02 Uma diuturna dúvida me tomou se, para os priscos romanos, a língua latina, que chamamos de gramática,¹¹ foi comum a todos, ou se havia uma expressão de homens doutos, outra da plebe e do povo; isto é, para falar mais abertamente, se instruídos e igualmente não instruídos, desde

⁷ Utilizamos aqui o texto latino editado por Tavoni: Bracciolini, 1984, p. 239-259. Uma cópia digital do texto pode ser encontrada em: <<http://www.bibliotecaitaliana.it/testo/bibit001490>>. Além do texto principal, todas as traduções apresentadas neste artigo são de nossa autoria.

⁸ Cf. contextualização da *questione della lingua* que apresentamos na introdução deste artigo.

⁹ Benedetto Accolti (1415 – 1464), juriconsulto, humanista e historiador; chanceler de Florença em 1458.

¹⁰ Carlo Marsuppini, também conhecido como Carlo Aretino (1399 – 1453), humanista, chanceler de Florença, poeta, filósofo, helenista e latinista.

¹¹ No original, “*grammatica*”. Em *De vulgari eloquentia* e *Convivium*, Dante Alighieri emprega a palavra *grammatica* como sinônimo de língua artificial, em oposição a *sermones vulgares* (linguajares populares), que, na sua visão, careciam de regras gramaticais. Não obstante peculiaridades lexicais de autores antigos e medievais, Dante acreditava que as diferenças entre essas “línguas” se limitavam ao vocabulário e que a estrutura gramatical da *grammatica* fosse imutável. *Mutatis mutandis*, essas ideias que se apresentam em Dante foram retomadas na *questione della lingua*.

a infância, falavam em latim como uma língua materna e doméstica, ou se havia algum outro linguajar de homens instruídos, como ocorre conosco, diverso do uso popular.

03 Porque percebo que, sobre este assunto, discordam homens muito instruídos. Leonardo Aretino, na carta que escreveu a Flavio de Forli, tenta argumentar que essa língua não era comum a todos, mas que existiu uma fala¹² popular, outra de homens eruditos.

04 Com essa opinião, também estava o ilustríssimo Antonio Loschi,¹³ que afirmava não poder ser convencido a ponto de crer que porqueiros, sapateiros, cozinheiros e a restante ralé do povo usassem a língua latina.¹⁴

05 A ele, Poggio soía responder que as palavras latinas, devido ao uso, não eram adquiridas pelas crianças mais dificilmente do que outras, uma vez que, desde a infância, os filhos dos bárbaros aprendem a língua vernácula com o leite materno, embora rude, áspera, bárbara, dissonante na pronúncia, o que para nós, homens, seria muito difícil de entender.¹⁵

06 Pois por que o conhecimento adquirido agora não poderia ter sido adquirido naquela época através do uso cotidiano? Sabemos que, na Cúria romana, havia muitos que, embora rudes nas letras, ainda assim, devido ao hábito constante de falar e ouvir os outros, entendiam e falavam em latim de maneira não absurda.¹⁶

07 Mas ouvi que tu, assim como Francesco Barbaro, homem assaz douto, além de muitos outros, eras alheio a esta opinião e estimava que todos falassem latim igualmente. Sobre essa questão, Carlo, não te seja incômodo expressar o que julgas”.

08 Então ele disse: “Atribuo todo este gênero de discussão a Poggio, de quem ouvi que investigava muitas coisas, ou antes, as palavras e opiniões de muitos contra a opinião de Leonardo. Pois, para confessar a verdade, estive minimamente curioso sobre esse assunto,

¹² No original, “*locutio*”. De acordo com Forcellini, *locutio* refere-se ao ato de falar, de conversar. Cícero (*Ad Herenn.* 3.12.23, diz que: “O diálogo é uma oração relaxada e próxima da conversação diária”. Também em *De off.* (1.47.146): “A partir do olhar, do riso, da fala, do silêncio, da tensão e da suavidade da voz, podemos facilmente indicar o que é apropriado”. E, ainda, em *Orat.* XIX.64: “Embora toda fala seja uma oração, somente a fala do orador é designada por este nome específico”.

¹³ 1368 – 1441; humanista, filósofo, poeta e secretário de Gregório XII, Martinho V, Eugênio IV e Nicolau V.

¹⁴ Acerca da argumentação de Loschi, cf. Flavio Biondo (*De verbis* 14).

¹⁵ Idem com relação a argumentação de Bracciolini.

¹⁶ De acordo com Mirko Tavoni (1984, p. 239), Bracciolini retira esse argumento de Flavio Biondo (*De verbis* 76-77), que será contestado por Lorenzo Valla (*Apologus* II 55-56).

embora concorde com Poggio, e me pareça que sua opinião seja válida”.

09 Aqui eu disse: “Confesso, Carlo, que, embora eu tenha antes debatido com Leonardo e Antonio muito frequentemente, depois daquela carta de Leonardo, coletei mais informações de vários escritores, com base nos quais facilmente se comprova que ambos não os entenderam corretamente.

10 Lembro-me, com efeito, de que Leonardo me disse que também escreveu a carta para me incentivar a responder. E, certamente, sempre tive a intenção de escrever algo contra a sua opinião, mas várias ocupações foram até agora um impedimento.

11 Agora, uma vez que não somente temos ócio e Benedetto pede isto, bem como Carlo me atribuiu esta tarefa, obedecerei à vossa vontade, apresentando primeiramente os argumentos com base em que julgo que poderei comprovar a minha causa para todos; em seguida, responderei à carta de Leonardo, embora a arte da retórica exija que as palavras do adversário sejam refutadas antes de apresentarmos nossos argumentos; abandonada essa ordem, direi antes o que parece satisfazer a esta questão.

12 Mas é necessário que eu comece um pouco acima, para que eu possa descer ao que desejamos. Pergunto-vos que língua chamais de latina, essa que chamamos de gramática,¹⁷ e de quem julgais que ela teve origem.

13 Certamente, penso, aquela de que os povos latinos se utilizavam e deles originada, e de que faziam uso os que se denominam latinos, a partir dos quais ela também obteve seu nome; e é necessário que ela estivesse em uso comum ainda com os romanos, uma vez que os latinos estavam também situados no Lácio.

14 Pois, assim como dizemos língua gaulesa, espanhola, germânica, italiana, que os gauleses, espanhóis, germânicos e italianos falam, da mesma forma, com relação ao grego e às outras, convém que, do mesmo modo também, tenha sido a língua latina, que estava em uso comum entre os latinos.

15 Consta que esta foi única pela mesma razão. Pois, se outra linguagem tivesse sobressaído a esta, outro nome também teria obtido; assim como em nosso caso, que distinguimos a gramática, isto é, a língua latina, da linguagem popular. Mas, assim como em nossa língua

¹⁷ Cf. nota 10.

materna nunca dizemos que a gramática está incluída, assim também havia apenas uma única loquela dos que eram chamados de latinos, sem nenhuma outra adjunta à latina.¹⁸

16 Além disso, a língua latina consta de palavras com as quais os latinos compunham a sua linguagem. Portanto, também as palavras latinas estavam em uso comum. Pois eles não usavam palavras incógnitas, mas aquelas que eram adquiridas com o leite das amas.

17 Pois, se tivessem feito uso de outra loquela, ela também teria obtido algum nome seu. No entanto, vemos que apenas a língua latina existiu enquanto vernáculo deles. Assim, a língua foi chamada de latina pelos latinos, da qual eles então os únicos, não outros, se utilizavam; no entanto, admiro não pouco a erudição dos que afirmam que os priscos romanos falavam uma linguagem popular diferente da latina.¹⁹

18 Então, mesmo hoje, em grande parte, sobretudo entre as mulheres romanas, um incorruptível costume de falar permaneceu, em que se pronunciam palavras latinas, de modo a ser admirável que, em tamanha vastidão de cidade, em tamanha coluvião de diversos povos que ocuparam a cidade, com tamanha inundação de bárbaros que permaneceram na cidade, ainda uma porção da língua latina persista popularmente na cidade.²⁰

19 Longo seria referir as palavras latinas que agora são quase infinitas em sua linguagem popular. Direi que aprendi muitos vocábulos latinos em Roma enquanto conversava, os quais antes ignorava.

20 Nosso Niccolò,²¹ que era um diligente perscrutador de palavras, não sabia que *Lupus tyberinus* era um peixe. Mas eu, de um vendedor de peixes, comprei esse peixe, que chamam popularmente de esturjão; é considerado o melhor e ainda hoje capturado entre as duas pontes.

¹⁸ De acordo com Mirko Tavoni (1984, p. 240), Bracciolini retira este argumento de Flavio Biondo (*De verbis* 20). Cf. também Guarino Veronese (*De linguae Latinae differentiis* 59-60).

¹⁹ Conforme Mirko Tavoni (1984, p. 240), “a conexão da língua latina com a população do Lácio era expressa no *Capítulo da amizade de Francesco della Luna*, concorrente ao Certame coronário, do qual Poggio era um juiz [...]: ‘E, como muitos [e] não mediocres eruditos afirmam, aqueles que naquele tempo habitavam no Lácio possuíam, e por eles continuamente se mantinha, a língua latina, a qual, como se pode claramente julgar, está ligada ao nome do próprio lugar do Lácio’. Sobre tal conexão concordará, mas sob uma perspectiva diferente, Valla [...]”, o que será retomado por Francesco Filelfo (*Epistola a Lorenzo il Magnifico* 22) e Paolo Pompilio (*De antiquitate linguae Latinae* 4-5).

²⁰ De acordo com Mirko Tavoni (1984, p. 241): trata-se de argumento retirado de Flavio Biondo (*De verbis* 95-100) e Leonardo Bruni (*An vulgus* 49-51).

²¹ No original, “*Nicolaus*”. Para A. Wesseling, trata-se provavelmente de Niccolò Niccoli (Tavoni, 1984, p. 241).

Pois o que é menor chamam de *lupatus*, ou seja, pequeno lobo.²²

21 Quanto ao que as mulheres, para que fiem melhor, inserem na extremidade do fuso, eu era inscio de como era chamado em latim, mas, de uma mulher, ouvi que se denomina *vorticulus*.

22 Dizem popularmente *frixorius* e *sartago*. Deixo de lado, por uma questão de saciedade, muitas palavras que retiveram como que resquícios da antiga língua.

23 O que diremos sobre os espanhóis, tão remotos da cidade, em cujas palavras permaneceu grande parte da loquela latina recebida dos colonos romanos, que foram para lá?

24 Muitas coisas proferem palavra por palavra em latim, as quais eu, na Cúria, daqueles com quem costumava estar, anotei com a maior diligência: “*Habeo capillos canos*”,²³ ouvi um homem idoso dizer, “*aio comendo aviculas*”,²⁴ “*in malas horas cremare*”²⁵ e muitas outras que fugiram da memória.

25 E deveria ser de fato admirável que, embora a Espanha tenha sido ocupada por tantas nações bárbaras por tanto tempo, retivesse em uso uma única palavra latina. Mas tantas entre eles são proferidas que parecem todos falar em latim com zelo aplicado.

26 Isto, porém, absorveram dos colonos romanos que foram enviados para a Espanha ou devido à frequência dos romanos que para lá chegaram para negociar ou governar. Assim, a língua latina foi tão difundida naquela época que hoje ainda sobrevivem vestígios dela.

27 Entre os sármatas superiores, uma colônia por Trajano, como dizem, foi deixada, que agora, mesmo em meio a tamanha barbárie, retém muitos vocábulos em latim notados pelos italianos que partiram para lá.

28 Eles dizem *oculus*, *digitus*, *manus*, *panis* e muitas outras palavras nas quais se percebe que, dos latinos que foram deixados lá como colonos, se espalharam e que a colônia usou a língua latina.

²² Cf. Flavio Biondo, *Roma triumphans*, I, VIII [1457-1461], Basileia 1531, 172: “Plínio relata que muitos consideravam notável o fato de um *lupus piscis* [peixe-lobo] ser capturado entre duas pontes, especialmente se fosse apanhado onde lambia os excrementos. Assim, não podemos de forma mais apropriada chamar de comilões e jogadores aos lobos entre duas pontes do que Caio Tício na época. Contudo, os estudiosos da nossa era, encantados com a leitura de Plínio, argumentam que, uma vez que nenhum peixe de nosso tempo apresenta qualquer semelhança, este *lupus* seria o que vulgarmente chamamos de esturjão, que é capturado no Tibre junto às pontes que ainda hoje existem, sendo o melhor capturado ali” (apud Tavoni, 1984, p. 421).

²³ “Tenho cabelos brancos”.

²⁴ “Digo, comendo passarinhos”.

²⁵ “Queimar em más horas”.

29 Mas estas afirmações devem ser mais firmemente comprovadas por meio da autoridade e de exemplos. Mostrarei que os homens falavam em latim no Senado, no Fórum, nos tribunais, nos discursos para o povo e para os soldados; enfim, que o próprio povo usava o latim em sua linguagem privada.

30 Mas, acima de tudo, não parecem ser preteridas as informações que são transmitidas por Quintiliano no primórdio de sua obra, quando fala sobre como se educarem crianças para a arte da oratória.²⁶

31 Pois ele deseja que sejam escolhidas tanto amas quanto demais pessoas que falem correto em latim, com quem as crianças vivem, de modo a essa língua ser absorvida pura e elegantemente, junto com o leite da ama, para que tenham em casa, a partir desses, a norma do bem falar e absorvam os princípios da eloquência desde os tenros anos.

32 Este conselho seria supérfluo se a língua latina então fosse transmitida nas escolas por preceptores e não fosse adotada como a loquela doméstica comum desde a própria infância.

33 Pois de que adiantaria esse cuidado para a futura eloquência se houvesse uma língua latina e outra das amas? A não ser que, talvez, ele queira dizer que alguém que desconhece o latim não é eloquente em algum outro gênero de fala. Mas sobre esses não trata a *Institutio* de Quintiliano, mas dos que alcançarão o conhecimento do elóquio latino.

34 Portanto, para que nós que haveremos de ser eloquentes não sejamos forçados a desaprender, como frequentemente acontece, palavras mal adquiridas desde a tenra idade, ele introduz as crianças desde uma infância correta e uma via apropriada à eloquência por meio de uma pura instrução da língua latina.

35 Além disso, ele escreve que o uso dos domésticos contribui muito para a eloquência. Daí se contar que Cornélia, mãe dos Gracos, contribuiu muito para os filhos na faculdade de falar.²⁷

36 Mas ele não entende a eloquência senão como latina, portanto a linguagem latina era comum tanto para as amas quanto para os outros domésticos.

²⁶ Quint., *Inst. orat.*, I, I.4-6; cf. Guarino Veronese (*De linguae Latinae differentiis* 36).

²⁷ Cícero (Cic., *Brut.*, LVIII.210-211), e não Quintiliano, trata da importância de Cornélia para a educação dos Gracos: “[...] mas é de grande importância quem cada um ouve cotidianamente em casa, com quem fala desde criança, e de que maneira os pais, os pedagogos e até as mães falam. Lemos as cartas de Cornélia, mãe dos Gracos: fica evidente que seus filhos foram educados não tanto em seu colo, mas no linguajar de sua mãe”. Mirko Tavoni (1984, p. 206) aponta que este argumento é retirado de Leonardo Bruni (*An vulgus* 46), utilizado também por Francesco Filelfo (*Epistola a Sforza Secondo* 39).

37 No primeiro livro de sua obra, quando trata da gramática, diz: “O que direi dos outros, quando é incerto se ‘*senatus senatus senatui*’ ou ‘*senatus senati senato*’? Portanto, para mim, não parece desagradável dizer que falar latim é uma coisa, e falar gramaticalmente é outra”.²⁸

38 Por meio destas palavras, fica claro que todos falavam em latim, mas nem todos estavam acostumados a falar gramaticalmente, uma vez que atribui a língua latina a todos, mas a gramática, isto é, o conhecimento da fala, aos peritos das letras.

39 Todos, portanto, falavam em latim, mas os instruídos falavam mais corretamente, pelos quais é afirmado que *senatus* é de quarta declinação, enquanto pelos não instruídos, de segunda. Pois os instruídos julgavam pela razão,²⁹ enquanto os outros aprendiam pelo uso, desconsiderada a razão de suas palavras.

40 No sexto livro, porém, Quintiliano diz: “Para nós, o discurso deve ser ajustado aos juízos dos outros, e frequentemente é necessário falar diante de pessoas completamente ignorantes e, certamente, ignoras de outras letras”.³⁰ Portanto, os ignorantes e os ignoros das letras entendiam o latim, a cujo arbítrio a oração deveria ser ajustada.

41 No décimo segundo livro, quando escreve sobre o gênero de discurso, diz: “Parece ter uma natureza diferente a linguagem popular e a oração do homem eloquente, para quem, se apenas a habilidade de julgar fosse suficiente, ele não elaboraria além da propriedade das palavras”.³¹

²⁸ Quint. *Inst. orat.*, I, 6, 27. Tavoni (1984, p. 243) observa que Bracciolini “lê o trecho ignorando seu contexto conceitual ligado ao debate sobre *ratio* e *consuetudo* (resolvido por Quintiliano com uma moderada redução do primeiro ao segundo); abandonando, portanto, o que tanto tinha de ironia [...] que está na constatação de Quintiliano, a qual denuncia uma insuficiência da teoria analogista, enquanto que por Poggio é interpretada em um sentido imediatamente factual [...]. É sobre isso que se concentrará a crítica de Lorenzo Valla (*Apologus* II 31-39), portador, além de uma leitura diferente de Quintiliano, de uma nova e diversa visão sobre a latinidade”. Cf. ainda a retomada deste argumento por Francesco Filelfo (*Epistola a Sforza Secondo* 21; *Epistola a Lorenzo il Magnifico* 58-60).

²⁹ No original: *ratione*. Segundo Samantha Schad (2007, p. 339-340), o termo *ratio* refere-se a um dos elementos que compõem a *Latinitas* ou o *Latinus sermo*, sendo um dos fatores determinantes da correção linguística. Quintiliano inclui a *ratio* tanto na analogia quanto na etimologia, sendo um critério essencial para a regularidade do discurso. Autores como Donato, Carísio e Varrão associam a *ratio* a regras gramaticais, ortografia e declinação, contrastando-a com o uso e a autoridade dos autores. Em alguns contextos, a *ratio* também é vista como um princípio fundamental para a estruturação do discurso latino, relacionando-se com a eufonia e a lógica da língua. Além da gramática, o termo aparece em diferentes áreas do conhecimento, significando “cálculo”, “razão”, “proporção” e “princípio”, expressando conceitos de organização e estrutura.

³⁰ Mirko Tavoni (1984, p. 243) salienta que, na verdade, se trata do livro V 14, 29. Este argumento será retomado no parágrafo 138 de *VPRL* e por Francesco Filelfo (*Epistola a Sforza Secondo* 17).

³¹ Quint., *Inst. orat.*, XII 10, 43. Mirko Tavoni (1984, p. 243) observa que Quintiliano “reavalia a opinião dos que acreditam que o orador deve falar de acordo com a natureza, aderindo à linguagem mais comum, sem qualquer artifício”. Cf. Guarino Veronese (*De linguae Latinae differentiis* 31) e Lorenzo Valla (*Apologus* II 21).

Com estas palavras, ele deixa claro que a linguagem do homem popular e do eloquente era a mesma quanto à propriedade das palavras, mas diferia na elocução e no ornamento.

42 Agora, outros testemunhos devem ser apresentados por nós, não em uma ordem específica, mas conforme cada qual se ofereça, para que se demonstre, por meio deles, que todo o povo e os homens de cada classe, tanto na cidade quanto em muitos outros lugares, falavam em latim.

43 Em primeiro lugar, há o abençoado Agostinho, homem santo e de grande autoridade. Em seu sermão sobre o salmo 50, que ele pronunciou ao povo, como algumas de suas orações antes proferidas ao público parecessem escritas de forma impolida e pouco esplêndida, explica que isso ocorreu devido ao fato de que, ao falar para o povo, esses discursos, anotados e editados pelos taquígrafos, se divulgaram publicamente antes que pudessem ser corrigidos e emendados por ele.

44 Mas esses sermões foram proferidos em latim e diante da plebe, em que estavam presentes homens e mulheres, que, se não tivessem entendido latim, o esforço dele teria sido supérfluo, como o de quem efunde palavras, à maneira dos tolos, diante daqueles que não as entendem.

45 Da mesma forma, aconteceu que a oração de Marco Catão pronunciada no Senado contra os conspiradores se divulgou para o público conforme anotada pelos taquígrafos da forma como proferida. Essa oração, como muitas outras, oferece-nos a prova de que os homens costumavam falar em latim no Senado.

46 Desse fato é indício também o decreto do Senado em que foi estabelecido que todas as nações estrangeiras apresentariam suas mensagens em latim no Senado.³²

47 Há também as palavras de Marco Túlio na oração contra Rulo sobre a lei agrária, pois ele afirma que Rulo teria dito no Senado “que a plebe romana possui excessivo poder na República e, por isso, deve ser esgotada. Em seguida, ele usou esta palavra”.³³

48 Contudo, se fica claro que eles usaram palavras latinas no uso comum do falar, em orações e assembleias, pronunciadas em julgamentos e ao povo, ainda no Senado, onde também estavam os mais excelsos homens, será necessário que palavras latinas tenham sido proferidas no uso comum. E, como trouxemos a autoridade de Cícero sobre o fato de que Rulo falou em

³² Cf. Francesco Filelfo (*Epistola a Sforza Secondo* 12) sobre a obrigação de se falar em latim no Senado.

³³ Cic., *Leg. agr.*, II 70.

latim no Senado, outros testemunhos dele também devem ser trazidos em apoio à nossa opinião.

49 Na oração em defesa de Cornélio Balbo, “em que havia uma interpretação do acusador inadequada à resposta, que assim dizia que ‘*comiter*’ significa ‘*communiter*’, como se estivesse interpretando uma palavra antiga ou incomum. Denominam-se ‘*Comites*’ os benevolentes, gentis, amáveis, ‘*qui erranti comiter monstrant viam*’, de maneira gentil, não pesada; certamente ‘*communiter*’ não se aplica aqui”.³⁴ Convém que esse debate tenha sido travado em latim, uma vez que se arguia o significado de uma palavra.

50 Isso mesmo, que nos julgamentos evidentemente os oradores falaram em latim, comprova Ascônio Pediano na explicação da oração que Cícero proferiu em defesa de Milão. Ele afirma: “Cícero, ao começar a falar, foi recebido com aclamações dos partidários de Clódio, que nem mesmo conseguiram se conter com o medo dos soldados ao seu redor. Portanto, ele não falou com a mesma firmeza de sempre. Entretanto, essa oração também foi preservada. Ele a escreveu da maneira que lemos, de modo tão perfeito que pode ser justamente considerado a primeira”.³⁵

51 Mas voltemos a Túlio. Ele, no primeiro livro de *De oratore*, diz: “Prestai atenção no que diz respeito aos ornamentos da oração; é prescrito, em primeiro lugar, que falem de forma pura e em latim, e depois de maneira clara e elucidativa”.³⁶

52 Mas no segundo livro: “Este é o modo pelo qual nossa oração deve ser adaptada aos ouvidos da multidão”.³⁷ Dessa afirmação, infere-se que a multidão entendia latim, pois as palavras não eram efundidas pelos oradores como que entre íncios para a multidão, e não se utilizava nenhuma eloquência que não fosse latina.

53 No mesmo livro: “O que pode ser mais fictício do que o palco, do que as peças teatrais? No entanto, neste gênero, muitas vezes eu mesmo vi, quando os olhos de um ator pareciam estar em chamas, enquanto pronunciava aquelas palavras: ‘*segregare abs te ausus, aut sine ullo Salamina ingredi?*’”,³⁸ e outras palavras que foram proferidas pelo ator em cena em versos latinos, destinados àqueles que entendiam latim.

34 Cic., *Balb.*, 35-36.

35 Ascon., *Mil.*, 36.

36 Cic., *De orat.*, I 144.

37 Cic., *De orat.*, II 159.

38 Cic., *De orat.*, II 193.

54 E ao tratar de piadas no mesmo livro: “Quando alguém dizia: ‘*eamus deambulatum*’, outro perguntava: ‘*quid opus fuit de?*’ ou melhor, ele respondia: ‘*quid opus fuit te?*’”.³⁹ Dessa maneira, fica indubitavelmente claro que essas palavras foram ditas em latim.

55 No terceiro livro, porém: “Qual modo de falar pode ser melhor do que falar em latim, de maneira clara, eloquente, apropriada e consistente? Além disso, não tentaremos ensinar alguém a falar se ele não souber, nem esperamos que alguém que não possa falar latim seja eloquente”.⁴⁰

56 E pouco depois: “Pois há aqueles antigos que, embora não pudessem ornamentar o que diziam, falavam todos eles quase brilhantemente. Aqueles que estavam acostumados com sua oração, mesmo desejando, não puderam falar senão em latim”.⁴¹

57 Em seguida: “Mas, para falarmos em latim, não apenas devemos nos certificar de que expressamos palavras que ninguém possa corretamente censurar, mas também devemos conservar essas palavras de tal maneira em gênero, número e caso, que não seja confuso, discordante ou desordenado”.⁴²

58 E pouco mais adiante: “Com certeza, quando ouço minha sogra Lélia – pois as mulheres preservam mais facilmente a antiguidade incorrupta, uma vez que, desprovidas de muitas palavras, sempre mantêm aquelas que aprenderam primeiro –, mas quando a ouço, é como se parecesse, na minha opinião, ouvir Plauto ou Névio”.⁴³ Mas, uma vez que Plauto e Névio escreveram em latim, é necessário que até Lélia, uma mulher, costumasse falar em latim, uma vez que suas palavras exalavam Plauto e Névio.

59 Em seguida, diz: “Passemos aos preceitos de se falar em latim que a instrução infantil ensina e que o conhecimento mais sutil e a razão das letras nutrem, ou o costume da fala diária”.⁴⁴

60 Da mesma forma, mais à frente: “E, de fato, não devemos mais demorar em outro assunto, para discutir com quais palavras podemos expressar de modo que o que dizemos seja entendido

39 Cic., *De orat.*, II 256.

40 Cic., *De orat.*, III 37-38.

41 Cic., *De orat.*, III 39.

42 Cic., *De orat.*, III 40.

43 Cic., *De orat.*, III 45. Cf. Guarino Veronese (*De linguae Latinae differentiis* 38).

44 Cic., *De orat.*, III 48.

em latim, ou seja, com palavras usuais”.⁴⁵

61 Além disso, também: “O que geralmente é dito sobre os oradores pelos ignorantes – ‘ele usa boas palavras’, ou ‘alguém não está usando boas palavras’ – não é avaliado por algum tipo de habilidade, mas é julgado por um certo senso natural”.⁴⁶ Se, portanto, as palavras dos oradores eram avaliadas até mesmo pelos ignorantes, foi necessário não só que os oradores falassem em latim, bem como suas palavras fossem não apenas compreendidas popularmente por todos, mas também fossem julgadas boas ou más pelos ignorantes, o que não poderia acontecer se a língua latina não fosse conhecida por todos.

62 Em seguida: “E não me esqueci de dizer isso, como Lélío: ‘*Qua tempestate in Italiam Venit*’, nem ‘*proles*’, ou ‘*soboles*’, ou ‘*afferri*’, ou ‘*nuncupari*’, ou, como costumava fazer, Catulo, ‘*non rebar*’ ou ‘*opinabar*’”.⁴⁷ Aqui, claramente, para que seja retirada toda dúvida nossa, ele exprime até mesmo as palavras latinas que usaria ao falar.

63 Muito além disso foi escrito por ele em concordância com minha opinião, que, por uma questão de saciedade, deixo de lado. Pois as coisas que são contadas sobre as cores de palavras e sentenças, sobre traduções, sobre palavras compartilhadas, sobre pés e ritmos que convêm à oração, mostram que pertencem à eloquência latina.⁴⁸

64 Contudo, incluirei algumas coisas transmitidas por ele sobre os ritmos, para tornar a questão mais clara do que estamos investigando. Pois ele diz: “No entanto, para que ninguém admire como o povo ignorante percebe isso ao ouvir, tanto em todos os tipos quanto neste mesmo caso, há uma certa força incrível da natureza. Pois todos, de algum modo natural, sem arte ou razão alguma, julgam o que está certo e errado nas artes e razões. Assim, não apenas são movidos por palavras habilmente colocadas, mas também por ritmos e sons. Pois quantos existem que entendem a arte dos ritmos e melodias? Mas, se em alguma coisa eles são levemente incomodados, seja por uma breve contração ou por uma longa extensão, todos os teatros reclamam. Mas, assim como no verso, se há um erro, eles percebem, assim, se algo em nossa

⁴⁵ Cic., *De orat.*, III 48-49.

⁴⁶ Cic., *De orat.*, III 151.

⁴⁷ Cic., *De orat.*, III 153.

⁴⁸ Para Mirko Tavoni (1984, p. 247), trata-se de argumentos abordados em Cic., *De orat.* III, 153-195.

oração é defeituoso, eles sentem”.⁴⁹

65 Palavras como essas de Cícero não apenas demonstram que o povo ignorante sabia latim, mas até sabia tanto que reconhecia os vícios dos oradores e aprovava o que parecia digno de ser aprovado, como no testemunho de Adriano e outros, tanto de Bruto quanto dos oradores, para que nenhuma dúvida possa persistir.

66 Diz ainda: “Mas qual é o mérito próprio do orador nas palavras? Pois falar latim em si é, de fato, algo que, como disse antes, deve ser altamente valorizado, mas não tanto por vontade própria, como porque é negligenciado por muitos. Pois não é tão nobre saber latim quanto é vergonhoso não saber, e isso parece ser mais próprio de um cidadão romano do que de um bom orador”.⁵⁰

67 Quanto ao povo, porém, escreve: “Só há uma diferença, pois o povo às vezes aprova um orador que não deve ser aprovado, mas aprova sem comparação”.⁵¹ Como, portanto, o povo aprova um orador que discursa, a menos que o entenda? Como entenderá, a menos que saiba latim, e saiba a ponto de que tenha a liberdade de aprovar ou reprovar?

68 Ele acrescenta ainda: “No entanto, havia aqueles para quem o terceiro Cúrio dessa época parecia notável, talvez porque usava palavras mais esplêndidas e porque falava não muito mal em latim, presumo, em algum contexto doméstico; pois ele não sabia absolutamente nada de letras. Mas é de grande importância com quem alguém fala diariamente em casa, com quem conversa desde criança, como os pais e preceptores, até mesmo as mães. Lemos as cartas de Cornélia, mãe dos Gracos; fica evidente que seus filhos foram educados não apenas em seu colo, mas também em sua maneira de falar”.⁵²

69 E mais adiante: “Então, eu suspeito da mesma forma, para compararmos o pequeno com o grande, que a casa de Cúrio, embora ele tenha sido deixado como órfão, estava acostumada com a linguagem pura conforme a instrução de seu pai, e julgo isso ainda mais porque não conheci ninguém dentre eles, que estivesse em qualquer categoria, tão ignorante, tão rude em

⁴⁹ Cic., *De orat.*, III 195. Cf. ainda *Orat.* 173, Flavio Biondo (*De verbis* 83), Poggio Bracciolini (*VPRL* 87), Francesco Filelfo (*Epistola a Sforza Secondo* 18; *Epistola a Lorenzo il Magnifico* 81).

⁵⁰ Cic., *Brut.*, 140. Este argumento é também utilizado por Guarino Veronese (*De linguae Latinae differentiis* 37) e por Francesco Filelfo (*Epistola a Lorenzo il Magnifico* 37).

⁵¹ Cic., *Brut.* 193.

⁵² Cic., *Brut.*, 210. Este argumento é também utilizado por Flavio Biondo (*De verbis* 32).

todas as artes nobres. Ele não conhecia nenhum poeta, não havia lido nenhum orador”.⁵³

70 Mas, quanto a Tito Flamínio, ele diz: “Era considerado capaz de falar bem em latim, mas não conhecia as letras”.⁵⁴

71 Eis um desconhecedor das letras, rude, ignorante, que não havia lido nada, falando em latim tão bem no uso doméstico, a ponto de estar na categoria dos oradores. Por essas razões, claramente se mostra que a linguagem materna foi o latim, que era aprendido não dos mestres, mas do uso doméstico.

72 Da mesma forma, em outro lugar, Cícero disse que Sisena, respondendo alguém, “‘Crimes são *‘spicilica’*. Então, outro diz: ‘Estou sendo enganado, diz ele; não sei o que Sisena diz, sei o que é *‘spica’*, não sei o que é *‘cilica’*’”.⁵⁵ Convém que esta palavra tenha sido pronunciada em latim pelo orador diante de uma plateia inteligente.

73 Dirá alguém talvez: Se todos falavam em latim, qual tamanha grandeza havia dos que falavam pura, esplendidamente e apenas com palavras latinas? Por que o trabalho para polir a oração por meio da arte ou da disciplina? Direi o que me vem à mente.

74 Até mesmo em nossa língua popular existem os que proferem palavras seletas e são mais polidos do que os outros que compõem a oração por meio de alguma arte, assim como a fala de um homem instruído e perito supera à de um ignorante: isso poderia ter acontecido também na língua latina, onde, embora as palavras fossem comuns a todos, a eloquência e a elegância das palavras não eram da mesma maneira.

75 Mas o que agora apresentarei me parece mais provável. Sabemos que muitos e diversos povos foram transferidos para a cidade de Roma, não só desde o início da fundação da cidade bem como muito tempo depois, os quais usavam sua própria língua e palavras vernáculas: sabinos, hérnicos, veientes, sânicos, úmbrios, etruscos, oscos, entre os quais havia uma forma de falar diferente da língua latina.⁵⁶

76 Ênio costumava vangloriar-se de ter três corações, isto é, de falar em três línguas: grega,

⁵³ Cic., *Brut.*, 213. Este argumento é também utilizado por Flavio Biondo (*De verbis* 55).

⁵⁴ Cic., *Brut.*, 259. Este argumento é também utilizado por Leonardo Bruni (*An vulgus* 44), por Guarino Veronese (*De linguae Latinae differentiis* 30) e por Francesco Filelfo (*Epistola a Lorenzo il Magnifico* 30-31).

⁵⁵ Cic., *Brut.*, 260. Este argumento é utilizado também por Francesco Filelfo (*Epistola a Lorenzo il Magnifico* 31).

⁵⁶ Este argumento é também utilizado por Francesco Filelfo (*Epistola a Lorenzo il Magnifico* 65).

latina, osca.⁵⁷

77 Entre os etruscos, havia não apenas letras mas palavras diferentes das dos latinos.

78 Deixo de lado gauleses, germânicos, africanos, hispânicos e povos de diversas nações reduzidos à servidão, cujas línguas eram divergentes entre si. Foi inevitável que esses todos, recebidos na cidade, contaminassem a língua latina com suas próprias palavras, devido ao uso frequente.

79 Assim como muitas palavras foram recebidas no uso dos etruscos e de outras nações além da latina, a língua latina, misturada com tão variadas palavras, parecia ser mais confusa.

80 Diziam que Nero era forte em sabino, daí o nome ter sido atribuído aos Neros.⁵⁸

81 Os latinos chamavam de *ludio* antes quem, depois de recebida a palavra dos etruscos, passaram a chamar de *histrío*.⁵⁹

82 A *rheda* e a *lancea* afluíram dos hispânicos à cidade; o *petorritum*⁶⁰ dos gauleses, e assim, por meio disso, palavras quase infinitas, adotadas de estrangeiros e misturadas pelos romanos devido ao uso prolongado, corromperam a pureza e a clareza do idioma latino.

83 Portanto, os que usavam apenas palavras latinas, adquiridas do uso doméstico e puro, ou aprendidas por meio da instrução, ao falarem de maneira pura, simples, clara e incorrupta, recebiam a palma da eloquência.

84 Por essa razão, afirmou no *Orator* Cícero: “O idioma será puro e latino”,⁶¹ isto é, não corrompido pela mistura de outras palavras.

85 Visto que fizemos menção de seu livro, acrescentaremos, a partir dele, algo para que fique

⁵⁷ Gell. XVII 17, 1.

⁵⁸ Gell. XII 23, 7-9.

⁵⁹ Liv. VII 2, 6.

⁶⁰ De acordo com Mirko Tavoni (1984, p. 250), “as observações sobre *raeda*, *lancea* e *petorritum* parecem tiradas de Gell. XV 30, 6-7: ‘*Petorritum* não é uma palavra meio derivada do grego, mas inteiramente transalpina; pois é uma palavra gaulesa. Isso está escrito no quarto livro *Rerum divinarum* de M. Varrão, onde, ao dizer que *petorritum* era um termo gaulês, Varrão também afirmou que *lancea* não era uma palavra latina, mas hispânica’; cruzando-se com Quint. *Inst. orat.*, I 5, 57 (onde, além disso, *raeda* é considerado um termo gaulês): ‘Muitas palavras gaulesas prevaleceram, como *raeda* e *petorritum*, das quais uma é usada por Cícero, a outra por Horácio’; trecho inserido em um contexto que parece estar inteiramente relacionado ao nosso texto, sobreponível aos §§ 75-9: ‘(55) Além disso, para seguir a ordem estabelecida, as palavras são latinas ou estrangeiras. E de quase todos os povos estrangeiros, eu diria, não apenas os homens, mas também muitas instituições vieram para nós. (56) Deixo de lado os etruscos, os sabinos e também os prenestinos [...] pois, mesmo que tudo seja itálico, eu o considero romano’”.

⁶¹ Cic., *Orat.*, 79.

mais claro do que a luz que a loquela do povo era latina. Diz ele: “Eu mesmo, como soubesse que nossos ancestrais falavam de tal maneira que só usavam a aspiração na vogal, falava assim, de modo a pronunciar algumas vezes *Cethegi, triumphi, Carthago*. E, tarde, quando a verdade me foi revelada pela falha dos meus ouvidos, concedi ao povo o uso da fala, reservei para mim o conhecimento”.⁶²

86 E depois: “Muitas vezes vi as assembleias gritarem quando palavras caíam de maneira inapropriada”.⁶³

87 E pouco depois: “Teatros inteiros gritam se uma sílaba foi mais curta ou mais longa. E a multidão realmente não conhece os pés, não mantém nenhum ritmo, nem entende a razão do que a incomoda ou por que a incomoda”.⁶⁴

88 Além disso, ele diz: “Eu, estando presente, Caio Carbo, filho de Caio, tribuno do povo, falou na assembleia com estas palavras: ‘Ó Marco Druso, eu te chamo de pai, tu costumavas dizer que a República era uma coisa sagrada. Todo aquele que a violasse, receberia punição de todos. A temeridade do filho aprovou o dito sensato do pai’. Tão grande foi o clamor levantado na assembleia por essas palavras que foi admirável”.⁶⁵

89 Por meio dessas declarações, fica claro que não foram os homens instruídos, como Leonardo escreve, mas assembleias e teatros inteiros, que eram preenchidos por leigos do povo, que aplaudiram e aclamaram.

90 Com relação ao teatro também, os instruídos não se comoviam a ponto de exclamar, mas a plebe ignorante e ignara das letras, crianças e mulheres reunidas expressaram esses clamores, os quais é necessário que entendessem em latim, embora ignorassem uma sílaba longa ou breve, íncios de suas regras.

91 No final desse livro: “Vamos lá, diz ele, pegue as palavras de Graco dirigidas aos censores: ‘Não pode deixar de ser que aquele que aprova os homens íntegros não aprove também os

⁶² Cic., *Orat.*, 160; cf. ainda Flavio Biondo (*De verbis* 34).

⁶³ Cic., *Orat.*, 168.

⁶⁴ Cic., *Orat.*, 173; cf. Flavio Biondo (*De verbis* 83). Este argumento é utilizado também por Bracciolini (*VPRL* 145) e Francesco Filelfo (*Epistola a Sforza Secondo* 18; *Epistola a Lorenzo il Magnifico* 81). Mirko Tavoni salienta que argumento análogo retirado de *De orat.* III 195-198 se encontra em Bracciolini (*VPRL* 64).

⁶⁵ Cic., *Orat.*, 213-214; cf. Flavio Biondo (*De verbis* 18).

ímpios, pois ambos são do mesmo gênero humano”⁶⁶. Com essas palavras, fica muito claro que a oração de Graco foi latina e foi pronunciada entre aqueles que conheciam o latim.

92 No livro *De finibus*, 20: “[...] Que todos, urbanos, rústicos, todos, eu digo, que falam em latim, chamam de ‘*voluptas*’⁶⁷. Esta sentença mostra que não apenas urbanos, mas também rústicos falaram a palavra “*voluptas*” em latim.

93 Aqui muitos escritos de Cícero deveriam ser o suficiente para comprovar minha opinião de que o povo inteiro falava um único idioma, isto é, a língua latina. No entanto, serão apresentados outros testemunhos muito copiosos e graves.

94 Marco Varrão, no sexto livro sobre a língua latina, prova claramente que todos usavam de igual modo a língua latina. Ele diz que “*ollud*” e “*olla*”, e não “*illud*” e “*illa*”, estavam em uso entre os antigos: “O que é evidente quando é recitado nas assembleias pelo pregoeiro como ‘*olla centuria*’, não ‘*illa*’; o outro é evidente nos funerais, quando se diz ‘*ollus laeto datus est*’, não ‘*ille*’⁶⁸. Portanto, por que duvidar que o povo conhecia o latim, quando até os pregoeiros falavam latim?

95 Aceitai outra passagem dele, por meio da qual fica claro que não apenas cidadãos, mas também escravos falavam em latim. Pois ele diz: “Até mesmo os escravos novos comprados em uma grande família rapidamente conhecem os nomes de todos os companheiros, aceitando o caso reto, declinam os outros casos oblíquos, e, se por acaso cometem algum erro, isso não é surpreendente”⁶⁹.

96 Mas, em outro lugar, diz ele: “Se há uma analogia por que o povo diz ‘*dii consentes, dii penates*’, quando é como ‘*hic reus, ferreus, deus*’, assim ‘*rei, ferrei, dei*’⁷⁰”.

97 E em outro lugar: “Já que é ‘*soleo*’, deve ser dito ‘*solui*’, como Catão e Ênio escrevem, não

⁶⁶ Cic., *Orat.*, 233.

⁶⁷ Cic., *Fin.*, II 77.

⁶⁸ Trata-se, na verdade, do livro VII (42). Sobre o erro relativo ao número do livro, Mirko Tavoni (1984, p. 252) esclarece que “se explica melhor se considerarmos a numeração normal na tradição quatrocentista e quinhentista da obra varroniana [...], que difere em uma unidade em relação à numeração da moderna edição crítica”.

⁶⁹ Varr., *Ling.*, VIII 6-7.

⁷⁰ Varr., *Ling.*, VIII 70. Mirko Tavoni (1984, p. 252-251) salienta que “a situação textual é bastante confusa. A interpretação mais simples continua sendo aquela que vê no plural *di* – que é a forma original, enquanto *dei* é reconstruída sobre a declinação normalizada de *deus* – uma forma que contradiz a analogia: é a mesma interpretação de Poggio, que se encontra, por exemplo, na edição de Traglia do *De lingua latina*, Turim 1974”.

como o povo diz, ‘*solitus sum*’”.⁷¹

98 Em seguida: “Eles negam que um caso deva ser dito de duas maneiras, o que, no entanto, acontece ao contrário. Pois, sem censura, alguns dizem no singular ‘*hoc ovi et avi*’, outros ‘*hoc ove et ave*’; no plural, ‘*puppis, restis, puppes, restes*’”.⁷² Eis que aqui fica claro que o povo estava acostumado a falar em latim.

99 A força das palavras e a liberdade do falar estavam ainda a critério do povo, como o próprio Varrão atesta um pouco depois: “[O] povo está sob seu próprio controle, os indivíduos sob o controle do povo”.⁷³

100 Salústio, em *Bellum Jugurthinum*, relata: “Naquele lugar, Jugurta estava com vários homens. Em seguida, o núbida, ao perceber a chegada de Boco, vira-se secretamente para alguns a pé. Lá, em latim – pois ele havia aprendido a falar na Numância –, exclama que nossos homens estão lutando em vão, pouco antes de Mário ter sido morto por suas próprias mãos”.⁷⁴

101 Estas palavras não foram proferidas entre literatos e homens instruídos, mas entre os soldados, que, se não soubessem latim, teriam sido lançadas em vão aos que não entendiam as palavras latinas. Mas não se deve pensar que Jugurta aprendeu latim de mestres ou pedagogos nos acampamentos, mas que o adquiriu pelo uso constante do falar entre soldados.

102 Tito Lívio, no primeiro livro de *Ab Vrbe condita*, relata que, na guerra contra os fidenates, Mécio Sufécio, líder albanês, chegou em auxílio a Túlio Hostílio, conforme o pacto, e, em meio a uma batalha incerta, abandonado o exército de Túlio, como se desviasse com os seus do litoral para as montanhas, exclamou, de tal forma que os inimigos pudessem ouvir, dizendo que Mécio havia feito isso por sua própria ordem, a fim de cercar os inimigos pelas costas. Depois ele acrescenta: “O terror passou para os inimigos, pois tinham ouvido a declaração em voz alta, e muitos dos fidenates, bem como os colonos que eram súditos romanos, sabiam latim”.⁷⁵ Por meio dessas palavras, fica claro que Túlio Hostílio falou em latim a seus soldados.

71 Varr., *Ling.*, IX 107.

72 Varr., *Ling.*, VIII 66.

73 Varr., *Ling.*, IX 6.

74 Sall., *Iug.*, CI 6. Este argumento é utilizado ainda por Francesco Filelfo (*Epistola a Lorenzo il Magnifico* 83).

75 Liv. I 27; cf. ainda Flavio Biondo (*De verbis* 28-32) e Francesco Filelfo (*Epistola a Lorenzo il Magnifico* 84).

103 No sexto livro sobre a Guerra Púnica, diz ele: “Uma fraude foi acrescentada ao tumulto, com alguns conhecedores da língua latina enviados por Aníbal, que ordenaram que, em palavras aos cônsules, quando o acampamento estivesse perdido, qualquer um dos soldados fugisse para as montanhas mais próximas”.⁷⁶ não seria necessário que usassem a língua latina na batalha, a menos que todos os soldados conhecessem a mesma língua.

104 Também no sétimo livro, ele diz: “Aníbal chegou aproximadamente à cidade por volta da quarta vigília. Os primeiros da fila eram desertores romanos que possuíam armas romanas. Estes, quando chegaram à porta, falaram todos em latim, acordando os vigias e ordenando que a porta fosse aberta”.⁷⁷ Quem negará que o povo romano falava em latim, quando Lívio afirma que todos falavam em latim, inclusive os soldados prófugos?

105 No nono livro, ele ainda menciona: “E nenhum cidadão romano, além do aspecto, vestimenta e som da língua latina”,⁷⁸ porque Plemínio era deformado quanto à aparência, mas era reconhecido como romano pela sua voz, de modo que não há dúvida de que todos os romanos falavam em latim.

106 Embora esses testemunhos de homens tão respeitáveis pareçam mais que suficientes para confirmar nossa opinião, citaremos também outros testemunhos que concordam conosco e o afirmam.

107 Aulo Gélio apresenta, em sua obra *Noites áticas*,⁷⁹ a partir da oração de Metelo Numídico, Cipião Africano, Catão e os Gracos, suas próprias palavras, que proferiram em latim em diferentes lugares. Ele relata as palavras de Marco Catão conforme a oração que foi feita na Numância para os cavaleiros, e estas eram em latim.

108 Além disso, referem-se as palavras da oração de Caio Graco proferidas ao povo, que, diz ele, persuadia o povo: “[P]ara que se defendesse e defendesse seus filhos, apresentou ao povo,

⁷⁶ Liv. XXVI 6, 11.

⁷⁷ Liv. XXVII 28, 9.

⁷⁸ Liv. XXIX 17, 11.

⁷⁹ Gell. XVI 1, 3-4: “Depois, lemos essa mesma sentença colocada no discurso de Catão, que ele proferiu na Numância perante os cavaleiros. [...] As palavras desse discurso são as seguintes: ‘Pensai com vossas mentes: se vós realizardes algo corretamente através do esforço, esse esforço logo passará, mas a ação bem realizada permanecerá convosco enquanto viverdes. Porém, se cometerdes algo perverso por prazer, o prazer logo desaparecerá, mas a ação perversa permanecerá convosco para sempre’”.

chorando, seu único filho do sexo masculino”.⁸⁰ Ele trouxe isso à tona para mostrar que até um filho único pode ser chamado de *liberi*.

109 Da mesma forma, quando discute a palavra *nequitia*, ele cita as palavras de Cipião Africano proferidas ao povo: “Todos os males, ultrajes e crimes que os homens cometem estão em duas coisas, *malitia* e *nequitia*”.⁸¹ Fica claro que estas palavras foram ditas em latim ao povo, para quem, caso fosse ignaro da língua latina, seria extremamente estulto falar em latim.

110 Ele também relata que Labério, nos versos que recitava no palco para o povo, inventou muitas palavras, como *mendicimonium*, *moechimonium*, *adulterioem*, além de muitas outras.⁸²

111 Além disso, narra que certa vez um homem costumava ler os anais de Ênio para o povo; quando se aproximou para ouvi-lo, diz que ele pronunciou erroneamente um verso de Ênio. Este verso é: “*Denique vi magna quadrupes equus atque elephantum*”.⁸³ Os anais certamente foram escritos em latim, os quais, quando eram recitados ao povo, era necessário que o povo também conhecesse o latim.

112 Há também estas palavras de Aulo Gélio: “Quase todos concordavam. Sisena, sozinho no Senado, costumava dizer *assentio*, e muitos o seguiram depois, embora não tenham conseguido superar o costume”.⁸⁴ Dessas palavras, não pode haver dúvida de que falavam em latim no Senado.

113 Ele também menciona alguém que, zombando de outro diante do prefeito da cidade, disse: “*Hic eques romanus apludam edit et flocces bibit*”,⁸⁵

⁸⁰ Gell. II 13, 5.

⁸¹ Gell. VI 11, 8-9.

⁸² Gell. XVI 7, 1-3: “Labério, nos mimos que escreveu, realmente criou palavras com grande liberdade. Pois ele diz ‘*mendicimonium*’, ‘*moechimonium*’, e também ‘*adulterio*’ e ‘*adulteritas*’ em vez de ‘*adulterium*’”.

⁸³ “Finalmente, com grande força, o cavalo e o elefante lançam-se para frente” (Gell. XVIII 5, 4). A passagem contendo a narrativa completa é Gell. XVIII 5, 2-4: “E então, naquele momento, foi anunciado a Juliano que certo ἀναγνώστης [leitor], um homem não ignorante, estava lendo para o povo no teatro os *Anais* de Ênio com uma voz muito refinada e melodiosa. ‘Vamos’, disse ele, ‘ouvir esse Ênianista’ – pois era assim que o homem queria ser chamado. Quando o encontramos, já lendo em meio a grandes aclamações – ele estava lendo o sétimo livro dos *Anais* de Ênio –, ouvimos ele pronunciar erroneamente estes versos logo no início: ‘Por fim, com grande força, o cavalo e os elefantes lançam-se para frente’; grifos nossos.

⁸⁴ Gell. II 25, 9.

⁸⁵ Eis a passagem completa: “Esse é, de fato, um vício comum da erudição tardia, que os gregos chamam de ὀψιμαθία [aprendizado tardio]: aquilo que nunca aprendeste e ignoraste por muito tempo, quando finalmente comesças a saber, fazes grande caso de mencioná-lo em qualquer situação e a respeito de qualquer assunto. Assim, por exemplo, aconteceu em Roma, em nossa presença, com um homem experiente e renomado na advocacia, mas que adquirira um conhecimento repentino e quase improvisado. Enquanto falava perante o prefeito da cidade e

114 e outro que disse: “*Hic bovinator est*”,⁸⁶ como se tivessem proferido não palavras latinas, mas monstros.

115 Tu também leste o verso de Juvenal: “Corremos em direção à agradável voz e ao poema da Tebaida amiga”.⁸⁷ Se o povo acorria para o poema de Estácio por causa da suavidade dos versos, certamente ela estava em palavras latinas, não em palavras traduzidas para outro idioma.

116 Pois que suavidade haveria nos poemas de Virgílio traduzidos para nossa língua? Sem dúvida, seguir-se-ia um absurdo extremo. Assim também se comprova que as peças de Terêncio, Plauto e outros eram recitadas em latim.

117 Agora, citaremos outro testemunho; depois seguiremos para a carta de Leonardo.

118 Élio Lamprídio, na vida de Alexandre Severo, afirma que, embora ele tenha sido instruído por muitos sábios, “não progrediu muito no latim, como se vê em seus discursos no Senado, ou em discursos perante os soldados ou o povo. Pois ele não amava muito a eloquência latina”.⁸⁸

119 Ele também escreve na vida de Adriano que, quando uma oração mais rude do imperador causou o riso no Senado, ele se dedicou totalmente, até atingir a maior perícia e facúndia nas letras latinas.⁸⁹

120 Na vida de Regiliano, diz: “Quando alguns soldados jantavam com ele, surgiu um substituto do tribuno que disse: ‘De onde acreditamos que vem o nome *Regilianus*?’”. Outro respondeu: ‘Acreditamos que vem de *regnum*’. Então, um escolástico que estava presente começou a declinar como que gramaticalmente e disse: ‘*Rex regis regi Regilianus*’. Os soldados disseram: ‘Então ele pode ser um rei’; ‘Portanto, ele pode nos governar’”.⁹⁰

121 Mesmo que outras coisas estejam ausentes, essas nos lembram o suficiente que as pessoas

queria dizer que certo indivíduo vivia com um sustento miserável e pobre, comia pão de farelo e bebia vinho azedo e fétido, declarou: ‘Este cavaleiro romano come *apluda* e bebe *flocces*’” (Gell. XI 7, 3). Este argumento é utilizado também por Francesco Filelfo (*Epistola a Lorenzo il Magnifico* 33).

⁸⁶ “Este é um *bovinator*” (Gell. XI 7,7). A passagem original e completa é: “Além disso, também mudou um pouco esse tipo de leitura com algumas palavras irreverentes, quando o adversário pedia que a causa fosse adiada: ‘Rogo, pretor’, disse ele, ‘ajude, socorra! Até quando esse *bovinator* [trapaceiro] nos fará perder tempo?’ E isso ele gritou em voz alta três ou quatro vezes: ‘É um *bovinator!*’”; grifos nossos.

⁸⁷ Juv., *Sat.*, VII, v. 82-86; cf. Guarino Veronese (*De linguae Latinae differentiis* 40).

⁸⁸ Lampr., *Alex.*, III 4.

⁸⁹ Spart., *Hadr.*, III 1: “Ele exerceu a questura durante o consulado de Trajano pela quarta vez e de Articuleio. Nessa função, ao pronunciar de maneira rude um discurso do imperador no Senado e provocar risos, dedicou-se ao estudo do latim até alcançar o mais alto grau de habilidade e eloquência”.

⁹⁰ Treb., *Trig. tyr.*, X 3-7.

estavam acostumadas a falar em latim não somente no Senado, mas também aos soldados e diante ao povo, e aos que sabiam latim.

122 Além disso, ele relata as palavras que teve no Senado e declara que todas foram proferidas em latim. Ele insere as próprias palavras em latim do discurso aos soldados, e quem quiser saber disso, que leia a história.

123 Élio Esparciano, na vida de Severo,⁹¹ que foi africano, escreve que a irmã, que veio até ele, mal falava em latim e fazia o imperador se envergonhar muito dela, foi enviada de volta para casa por ele. Isso é uma evidência de que ela era íncisa naquele idioma que era de uso comum.⁹²

124 Flávio Vopisco, por sua vez, na vida de Aureliano, escreve o seguinte: “Após isso, Aureliano se levantou e se aproximou de Valeriano, agradecendo com palavras militares, que decidi colocar exatamente como são. Aureliano disse: *‘Et ego, domine Valeriane Auguste imperator, ideo cuncta feci, ideo vulnera patienter excepi, ideo et equos et coniuratos meos laxavi, ut mihi gratias ageret respublica’*”.⁹³ Isto não é um discurso, não é uma oração, mas palavras ditas em latim, em particular.

125 Além disso, ele insere na história palavras de Apolônio de Tiana dirigidas em latim a Aureliano, proferidas “para que o homem panônio entendesse”,⁹⁴ que, entre outras coisas, omiti por causa da saciedade. Não obstante estas coisas que foram relatadas não bastem para alguém, não sei o que mais poderia ser suficiente.

126 Assim, com muitos testemunhos, provou-se que os priscos romanos falavam todos em latim e que o latim era o idioma materno.

127 Embora tenha sido suficientemente respondida a carta de Leonardo, responderei brevemente a algumas de suas opiniões, que, diria com permissão sua, parecem se afastar muito da verdade.

⁹¹ Lúcio Septímio Severo (145 – 211 d.C.), nascido em Leptis Magna, (atual Al-Khums, Líbia), na província romana da África; imperador romano de 193 a 211 d.C.

⁹² Spart., *Sept. Sev.*, XV 7: “Quando sua irmã de Léptis Magna veio até ele, mal falando latim, e o imperador se envergonhou muito dela, ele concedeu ao filho dela a toga pretexta e deu à própria mulher muitos presentes, ordenando que retornasse à sua pátria, e de fato junto com o filho, que faleceu em pouco tempo”.

⁹³ Vopisc., *Aurelian.*, XIV 1-2.

⁹⁴ A passagem original é: “Diz-se que Apolônio de Tiana pronunciou estas palavras em latim, para que um homem da Panônia as compreendesse: ‘Aureliano, se queres vencer, não há razão para pensares na morte dos meus concidadãos. Aureliano, se queres governar, abstém-te do sangue dos inocentes’” (Vopisc., *Aurelian.*, XXIV 2-4; grifos nossos).

128 Mas não tanto para mostrar sua opinião, quanto para conhecer a minha, como por ele soube, acredito que a carta por ele foi escrita. Pois ele tenta mostrar com argumentos bastante leves que houve “um idioma comum e outro literário”,⁹⁵ para usar suas palavras.

129 Primeiro, como os evangelhos e as solenidades das missas são entendidos pelo povo, ele disse que assim também a língua latina era conhecida pelos antigos.

130 Mas essa semelhança é vazia e sem importância. Pois o que é semelhante? Os evangelhos e as solenidades das missas são conhecidos por quase todos, mas não por todos, pois a cada ano são repetidos e inculcados nas mentes daqueles que os ouvem com frequência, para que se tornem conhecidas pelo uso contínuo da escuta, e foram escritos de uma maneira que é facilmente compreendida, pois não diferem muito do idioma materno. Os pregadores também os explicam ao povo, para que até mesmo os rudes e ignorantes percebam os sentidos das palavras.

131 Mas, na verdade, não se recitavam as mesmas orações, palestras, julgamentos e poemas a cada ano, porém eram muito diversos, conforme a variedade dos fatos e das circunstâncias exigia.⁹⁶

132 Ele admite que falavam em latim no Senado e nos tribunais, mas diz que tais orações e casos eram tratados entre os letrados.

133 Muito me pergunto de onde ele soube que senadores e juízes eram letrados, quando, até mesmo entre alguns oradores, Cícero afirma que alguns desconheciam completamente as letras.⁹⁷

134 No entanto, lemos que homens não letrados costumavam ser escolhidos para o Senado, como edis, questores, pretores, tribunos. Quanto aos juízes, quem sabe se eram letrados? Pois não apenas entre eles, mas principalmente diante do povo, os oradores falavam.

135 Quanto aos juízes do Senado, ainda que fossem eleitos da ordem equestre, não eram letrados, mas, como a sorte ditava, a vontade do povo muito frequentemente os impelia para absolver ou condenar conforme seus aplausos.⁹⁸

⁹⁵ Cf. *An vulgus* 2.

⁹⁶ Em resposta a *An vulgus* 7, 14, 16.

⁹⁷ Cf. Cic, *Brut.*, 210-213 (cf. ainda *De verbis* 52-55) e 259 (cf. também *An vulgus* 44).

⁹⁸ Em resposta a *An vulgus* 11.

136 Cícero, em certa oração, diz: “Mas falarei em voz alta para que todo o povo presente entenda”.

137 Mas o que dirá sobre reuniões e orações dirigidas ao povo, as quais, como mostrado acima, eram em latim?

138 Cícero e Quintiliano asseveram que as orações e palavras dos oradores devem ser adaptadas aos ouvidos da multidão.⁹⁹ Esta seria uma opinião estulta se os oradores tivessem que se curvar aos ouvidos daqueles que não entendiam latim.¹⁰⁰

139 Quanto ao fato de Leonardo asseverar que as orações eram escritas de maneira mais refinada do que faladas, concordo com isso,¹⁰¹ e Cícero atesta que fez o mesmo, mas ainda assim é necessário asseverar que foram ditas em latim.¹⁰²

140 Por que Leonardo escreve que lhe parece impossível que mulheres e artesãos flexionem nomes por meio dos casos?¹⁰³ Não entendo por que eles, desde a infância, não puderam aprender a flexionar nomes e assimilar a fala latina pelo uso, assim como nós aprendemos o vernáculo.

141 No entanto, eu concordo mais com a autoridade de Varrão do que com a opinião de Leonardo, pois mencionei as palavras de Marco Varrão, nas quais ele afirma que até mesmo servos noviços, compreendido o caso reto, costumavam declinar os restantes.¹⁰⁴ Assim, o que Leonardo crê impossível para cidadãos romanos e para o povo urbano era costumeiro entre servos bárbaros.¹⁰⁵

142 A respeito do aplauso do povo diante das palavras “a temeridade do filho aprovou”,¹⁰⁶ é estulto crer, como ele próprio percebe, que essa aclamação tenha vindo de homens letrados. Ele afirma que Cícero esteve presente naquela assembleia, e Cícero escreve que, estando presente, aquela oração foi proferida, mas não que ele próprio ou homens eruditos tenham aplaudido, à

⁹⁹ Cic., *De orat.*, II 159 (cf. ainda *VPRL* 52); Quint., *Inst. orat.*, V 14, 29 (cf. também *VPRL* 40).

¹⁰⁰ Em resposta a *An vulgus* 12-14.

¹⁰¹ Em resposta a *An vulgus* 15.

¹⁰² Cf. *De verbis* 106.

¹⁰³ Em resposta a *An vulgus* 30-40.

¹⁰⁴ Cf. nota 68.

¹⁰⁵ Cf. *VPRL* 95.

¹⁰⁶ Cf. *VPRL* 88.

maneira do povo e dos operários, como se fossem pessoas levianas; na verdade, aquele aplauso era do povo e da plebe, não daqueles para quem esses ritmos na oratória eram mais agradáveis.¹⁰⁷

143 Leonardo afirma que poemas de Terêncio e de outros foram encenados, não recitados; isto é, não lidos, mas representados com gestos.¹⁰⁸

144 Contudo, Donato, em seu comentário sobre o *Eunuco*, reprova essa opinião, escrevendo que a peça foi publicada, pronunciada e cantada frequentemente, com melodias variadas.¹⁰⁹ Ele diz que não foi encenada, como Leonardo opina, mas recitada. Além disso, as melodias e sons, que eram usados pelo tocador de flauta, eram adequados não ao gesto, mas à modulação dos versos.¹¹⁰

145 Mesmo o próprio Cícero refuta essa opinião, quando escreve que, recitado um verso com uma sílaba mais longa ou mais curta, ele é vaiado e rejeitado. Era necessário que isso ocorresse não ao se encenarem, mas ao se recitarem versos.¹¹¹

146 Além disso, Leonardo se esforça para defender sua opinião com muitas palavras, as quais poderiam ser facilmente refutadas. Mas nós, como mencionado anteriormente, defendemos tão veementemente esta causa com muitos autores e exemplos que consideramos que ninguém que os leia, por mais obstinado, não se submeterá à autoridade e à opinião de tantos homens.

147 Depois que eu expressei essas opiniões, Carlo falou: “Eu sempre compartilhei essa opinião contigo, e aqueles que pensam de maneira diferente, na minha opinião, estão equivocados. Mas agora já discutimos o suficiente; é preciso reservar um tempo para um passeio, desde que antes disso, usando um pouco de bebida, consigas reconciliá-los”. Como dissesse estas palavras sorrindo, levantamo-nos, saímos pela porta da cidade e seguimos para o rio, por causa do ar e do espírito.

107 Em resposta a *An vulgus* 45.

108 Cf. *An vulgus* 21.

109 Don., *Commentum. Eunuchus, Praef.* I 7: “Os *diverbia* foram frequentemente pronunciados naquela e os *cantica* foram apresentados muitas vezes com melodias variadas”; 10 “Isso foi encenado pela terceira vez e anunciado como ‘*Eunuco* de Terêncio”.

110 Em resposta a *An vulgus* 19.

111 Cf. *VPRL* 87.

Referências

BIONDO, Flavio. **Sobre as palavras da fala romana**. Tradução, notas e estudo introdutório de Fábio Frohwein de Salles Moniz. Apresentação de Elaine Cristine Sartorelli. Rio de Janeiro: Publicações NEC-FBN, 2024. Disponível em: <<https://necfbn.wixsite.com/nec-fbn/obras-publicadas>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

BLONDUS, Flavius. **De verbis Romanae locutionis**. A cura di Fulvio Delle Donne. Roma: Istituto Storico Italiano per il Medio Evo, 2008.

BRACCIOLINI, Poggio. *Vtrum priscis Romanis Latina lingua omnibus communis fuerit, an alia quaedam doctorum virorum, alia plebis et vulgi, tertiae convivalis historiae disceptatio*. In: TAVONI, Mirko. **Latino, grammatica, volgare**: storia di una questione umanistica. Padova: Editrice Antenore, 1984. p. 239-259.

CELENZA, Christopher. Chapter Nine End Game: Humanist Latin in the Late Fifteenth Century. In: MAES, Yanick; PAPY, Jan; VERBAAL, Wim (ed.). **Latinitas Perennis**. Leiden; Boston: Brill, 2009. p. 201-244. [vol. II: Appropriation and Latin Literature].

KALLENDORF, Criag. Poggio Bracciolini. In: **OXFORD BIBLIOGRAPHIES**. Disponível em: <<https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780195399301/obo-9780195399301-0095.xml>>. Acesso em: 14 fev. 2025.

MAZZOCO, Angelo. Chapter Five: The Ramifications of the Florentine Debate: the Contribution of Guarino, Poggio and Filelfo. In: _____. **Linguistic Theories in Dante and the Humanists**: Studies of Language and Intellectual History in Late Medieval and Early Renaissance Italy. Leiden; New York; Köln, 1993. p. 51-68.

MONIZ, Fábio Frohwein de Salles. A epístola *An vulgus et literati eodem modo per Terentii Tulliique tempora Romae locuti sint* (1435) de Leonardo Bruni: estudo introdutório, tradução e notas. 2024. **Fortunatae**, n. 40, 2024, p. 69-88. Disponível em:

<<https://riull.ull.es/xmlui/handle/915/40468>>. Acesso em 18 fev. 2025.

SCHAD, Samantha. **A Lexicon of Latin Grammatical Terminology**. Pisa; Roma: Fabrizio Serra Editore, 2007.

TAVONI, Mirko. Leonardo Bruni e Flavio Biondo: In: _____. **Latino, grammatica, volgare: storia di una questione umanistica**. Padova: Editrice Antenore, 1984. p. 3-41.

Recebido em: 19 de fevereiro de 2025.

Aceito em: 27 de março de 2025.